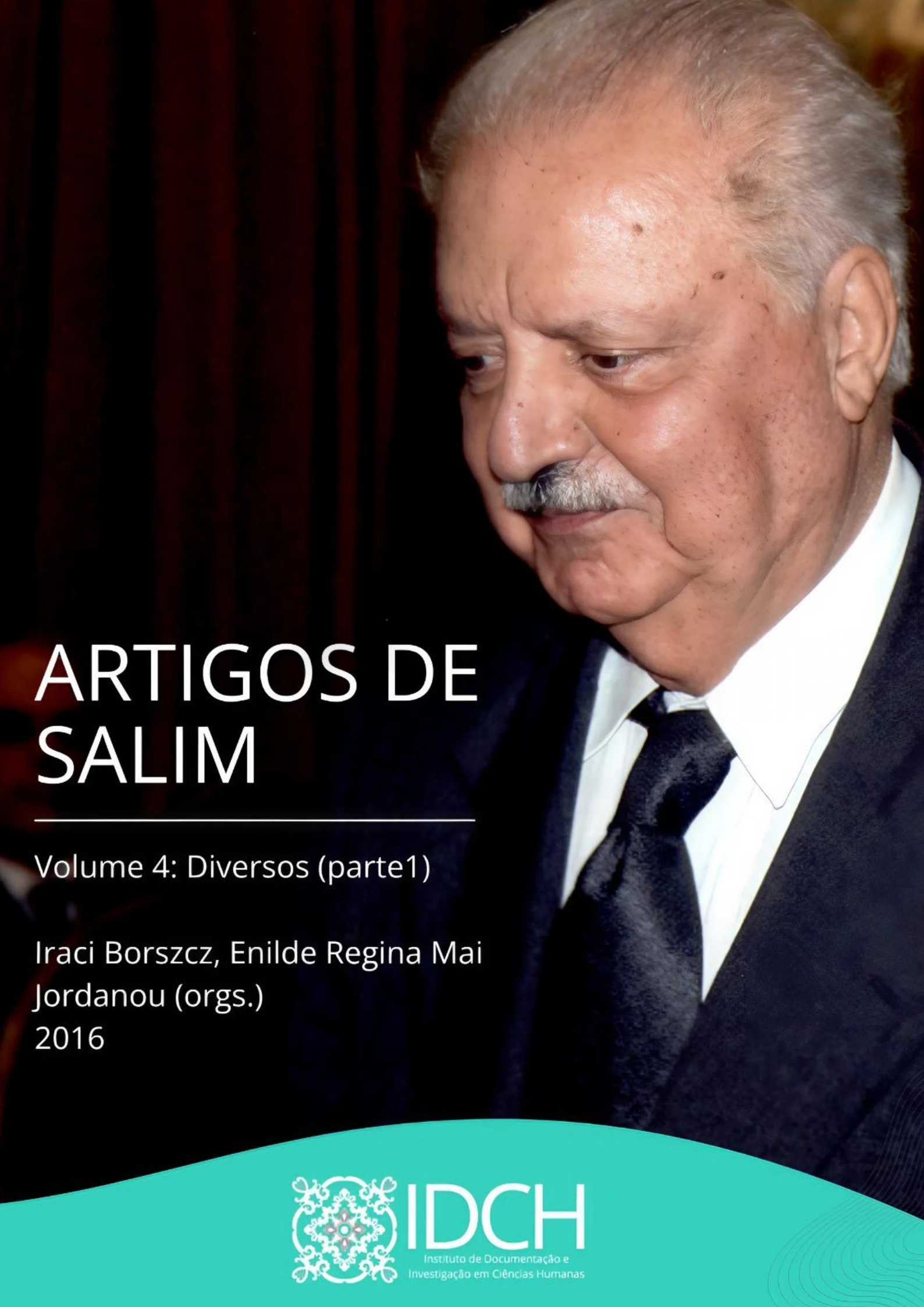


A close-up, slightly angled portrait of an older man with grey hair and a mustache, wearing a dark suit, white shirt, and dark tie. He is looking down and to the left. The background is dark and out of focus.

ARTIGOS DE SALIM

Volume 4: Diversos (parte1)

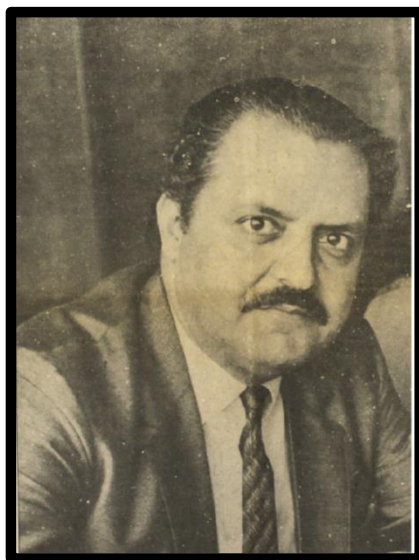
Iraci Borszcz, Enilde Regina Mai
Jordanou (orgs.)
2016



IDCH

Instituto de Documentação e
Investigação em Ciências Humanas

INSTITUTO DE DOCUMENTAÇÃO E INVESTIGAÇÃO EM CIÊNCIAS HUMANAS
ESPAÇO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL



Salim Assina:
reportagens, matérias, entrevistas,
notas e comentários
Volume: 4 – Diversos - 1951 - 1963

Organização e digitalização: Iraci Borszcz
Enilde Regina Mai Jordanou
Coordenação: Profa. Dra. Maria Teresa Santos Cunha

Florianópolis, 2016

Sumário

001: A verdade nas letras e artes: 26 de out. de 1956	4
002: A verdade nas letras e artes: 16 de out. de 1956	5
003: A verdade nas letras e artes de out. de 1956	6
004: A verdade nas letras e artes 9 de set. de 1956	7
005: A verdade nas letras e artes: 17 de set. de 1956	8
006: Literatura e arte: 10 de fev. de 1957	9
007: Literatura e arte mar. 1957	10
008: Literatura e arte 17 de fev. de 1957	12
009: Artes e letras 22 de set. de 1963	13
010: A folha nas letras e artes 8 de jan. de 1954	14
011: A folha nas letras e artes	15
012: A folha nas letras e artes	16
013: Pagina literária : Cenas da vida brasileira - 21 de out/1951	17
Índice por ano	18

4

MIGUEL, Salim (Dir.) A verdade nas letras e artes. Jornal a Verdade. Florianópolis, 16 de out. de 1956, pag. 5.

A Verdade

nas Letras e Artes

Direção de SALIM MIGUEL

DEPOIMENTOS -- VI

EDMOND JORGE

Nacido Edmond Jorge Japur, em 1933, filho de Elias Abi Japur e de D. Diamantina Jorge Japur. Cedo sua família se mudou para Florianópolis. Aqui iniciou os seus estudos, no Grupo Escolar e posteriormente no Instituto de Educação Dias Velho. Fez somente até o primeiro ano do Curso Científico não tendo continuado por não se coadunar, o método do ensino adotado, com o seu temperamento. Mas isto não impediu que continuasse a estudar. Pelo contrário. Dedicou-se, daí em diante, mais a fundo.

Pode, portanto, ser considerado um auto didata. Isto, se por um lado às vezes causa dificuldades sérias no que tange aos métodos a seguir, por outro, num caso como o de Ed-

mond Jorge, que já tinha uma diretriz traçada, vem não só dar certas facilidades, como a de permitir que a pessoa adquira mais confiança em si mesma, sabendo qual a tarefa a realizar e como realizá-la.

Preocupa-se, principalmente com estudos de arte e religião primitiva. Tem, no gênero, uma das melhores bibliotecas especializadas do Estado. Faz estudos sérios e concienzosos, pesquisas demoradas e tem, no momento, em preparo, dois volumes de ensaios ("Arte Primitiva" e "Mito e Religião"), que deverão aparecer nas Edições "Sul". E, atualmente, secretário da revista "SUL".

Edmond Jorge, pela sua aplicação e pelos seus conhecimentos, é um jovem que honra a sua própria descoberta e conhecimento.

Antão e a Cheira

Silveira, da Penha

Para o sustento de seus 20 ou 25 animais de criação, a firma avateira gerenciada por meu avô Amazonas agenciara, para os lados norte da cidade, alguns acres de terra fértil para o plantio do milho.

Quando a cheira iniciou a sua implacável invasão de terras e campos e o grãozinho largou-se a martelar as plantações do município todo, os empregados lá do roçado agradeceram ao bom Deus haverem-se com patrão capaz de compreender e às necessidades. Meu avô sabia tratá-los, reconhecia-lhes os préstimos. Mesmo sem serviço por diante, dada a ocorrência da colheita guardada conservava-se na folha do pagamento. Ainda mais, ajudava nas agruras, agenciava-lhes a conta na farmácia, facilitava-lhes as provisões de boca, e a roupa. Era uma santa alma o meu avô Amazonas no dizer dos reconhecidos. Um homem e tanto.

Em tempos idos fora pobre também. Curtia misérias, sofrera o diabo. No entanto não o abatera o esmorecimento. Isto não, que era de sangue forte e orgulhoso de envergar casacas compridas, embora rôtas e remendadas.

Dera no batente. Labutando, labutando, experimentara os mais variados empregos: moço de recados, carroceiro, guardião... Até mesmo prático de farmácia naquele tempo, em que a desgraçada gripe espanhola fez mortos e mortos por este Brasil a fora. Comêra pois, patifes de todos os tipos.

Bons e maus. Complacência, outros cruéis ao extremo. Muitos, ordinários. E portanto, pelo que passara, compreendia o sofrimento alheio. Penalizava-se. E lutava por encontrar jeito de saná-los ou minorá-los ao menos.

— 0 —

A dona Anastácia, mulher de um dos cabras do roçado, mãe de tres piaçotes descorados, o mais velho perto dos 7 anos, atraído na cama pelo paralisia infantil desejava falar com o seu gerente. Implorava a sua caridade.

Minha avó fez-lhe entrar e des-

PASTORAL

ELIZABETH GALLOTTI

I

*E o mais carinhoso da minha voz
e o mais grave
ficou em todos os vovozinhos de água
e nas eternas flores
amarelas
e no barulho de todas as cachoeiras
tristes
como a tua ausência.
Eu fiquei em todos os verdes
e fui paz
e a simplicidade mais pura
de todos os elementos.*

II

*Os meus olhos se repousaram do verde
no amarelinho gentil
das flores
e o canto da tesourinha
me contou que fazia primavera
e sol.
A tua saudade
em mim
foi se alongando o com os eucaliptos
alcançou a estrela
que foi entregar
longe
o meu impossível carinho.
E o vento
deve ter falado da tarde
que fazia nos meus olhos, amigo.*

Desenho de RODRIGO DE HARO



Por um lapso deixamos de publicar, em nosso número anterior, o desenho correspondente ao "Artista Catarinense" — IV, o que, com o nosso pedido de desculpa aos leitores, fazemos agora —

canção na cadeirinha de palha
ao lado do fogão. A pobre ali
cabisbaixa, as mãos
virando e revirando as pontas
do avental, sem encontrar iní-
cio de conversa. Encabulava.
Gente modesta...

— Então dona Anastácia,
em que podemos nós auxiliá-
la, peruntou meu avô an-
dando um pouco. A senho-

tra não se lague a se envergo-
nhar que isto não está no grito.
A casa aqui é para os ami-
gos e os amigos dão-se as mãos
nas necessidades. E falar que
vemos o que se há de fazer.

A criatura a custo ensaiou
um sorriso desajeitado. Corou.
Espio para os lados à procura
(Continua no próximo núm.)

Apontamentos Críticos

"Os Escorpiões" — Romance Premiado

sem função exata, ou melhor, mero subterfúgio literário, espécie de contraponto para o qual o A. apela toda vez que se sente em dificuldades. Quer dizer, o A. não enfrenta os problemas que se lhe antepeem. Não! Procura torná-los, jogando com uma personagem que, no fundo, é uma escapatória.

Voltemos a um aspecto já aforado de leve: a literatura abordando problemas da adolescência. É uma literatura extremamente complexa e difícil. Embora um tema profundamente rico, não são muitos os livros da literatura mundial onde se tenha conseguido um efeito satisfatório, uma análise exata. É a fase da vida onde se preparam as personalidades, num caldeamento, num entrosamento de problemas e situações, onde chega de cheio a descoberta do mundo, com todas as contradições que lhe são inerentes. Neste caso será mais fácil jogar com personagens "diferentes"... com a exceção, do que com uma humanidade comum, normal, na medida em que as coisas podem ser comuns, normais a todos os homens. Uma humanidade enfim com os seus sonhos, as suas esperanças e desilusões do dia a dia. Partir para um aspecto particular da psicologia, num caso quase patológico, sem procurar, através do particular, atingir o geral ou normal, pode ser mais fácil, é mais fácil, porém será sempre menos exato. As discussões, as lutas íntimas, as reações diante do meio, não só de Leopoldo, mas de todo o seu grupo, dos que o cercam, não chegam a convencer inteiramente, abarcam somente uns mínimos aspec-

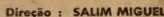
tos dos infinitos problemas da adolescência. Aquele grupo forma uma elite, entediada com o mundo vulgar que a cerca.

Um exemplo a citar, talvez sob características um tanto diferentes, seja "O Ateneu", de Raul Pompéia, livro até hoje sem igual na literatura brasileira, onde se temas são focados de um ângulo preciso, então, onde as figuras surgem certas, trabalhadas com exatidão, mas embora vivam a vida da infância e adolescência. Na literatura, não, dial temos, para citar uma obra bem conhecida, "Le Grand Meaulmont", de Alain Fournier, onde, a nosso ver, a análise dos sentimentos do adolescente atinge mais fundo. É o entrelaçamento do cotidiano com o exótico, do particular com o geral, dos sonhos e desejos com a realidade.

A abrir o livro que comentamos a quase nenhuma participação da "realidade local", se assim nos podemos exprimir, muito embora o A. insista em nos demonstrar a participação do Capibaribe na história. Há mesmo alguns trechos da maior importância para a compreensão do todo, para a melhor percepção da história, desenrolados às margens do rio. Mas não há uma integração, uma participação direta, vivida. Não é necessário que seja AQUELE RIO, especificamente. Bastaria que fosse um rio. E pronto. Pelo menos não sentimos, como em outras obras, esta necessidade de ser uma coisa determinada, particular, aquela.

Um exemplo de como não dá é um Resife esmerilhado, onde o povo, como uma massa, não vive, não participa, simplesmente passa, amorfando. Onde até uma festa popular, na sua descrição, com tudo o que poderia ter de típico e local, é feita sem vibração, sem essa intensidade tão característica das festas populares. Insistimos: não há participação de povo, de gente, de figuras humanas em carne e osso, sangue, mas bonecos que o autor vai colocando no palco e maneja a medida que deles necessita.

(Conclui na próxima "Página")



NOTICIARIO

Publicações Periódicas:

— Em circulação mais um número de "PARATODOS", quinzenário da cultura brasileira. Nesta sua nova fase, a publicação fundada por Alvaro Moreira e atualmente dirigida por Jorge Amado, vem mantendo um nível bem alto, com matéria selecionada e de maior interesse, além de um bom noticiário nacional e internacional e seções de cinema, teatro, artes plásticas etc.

— Nas bancas o nº de agosto do "JORNAL DE LETRAS". O presente número desta publicação cultural dos Irmãos Condé, que já completou sete anos, mantém o mesmo interesse dos números anteriores, trazendo sempre vasta colaboração em prosa e verso, além de secções várias e noticiá-

Circulando irregularmente mas circulando, ali está o nº 39 do "JORNAL DE CINEMA", publicação mensal, por CÉLIO, jornalista, que tem como diretor-redator-chefe Alex Viany. O número anterior, nº 38, é de dezembro de ano passado, sendo que desde a época de então, não se regista nenhuma falta, tendo sempre matéria muito boa de informação, notas críticas, comentários, etc. Neste número, a reportagem sobre o Festival de Cannes, de Sica, M. Morgan, J. Garland e G. Philippe, além do trabalho de G. Sautou sobre o Festival de Cannes, do inflexo da "História do Cinema", de J. Sica, e do artigo de G. Sautou "Roteiro Crítico", de Alex Viany.

"TERRA BRANCA" é mais uma revista de cultura que acaba de aparecer. Hoje em dia são poucas as revistas que vemos surgir no Brasil. Mas época houve em que o número de tais publicações principava a crescer. O último passava a casa dos trinta. "TERRA BRANCA" (artes, letras e ciências), é uma bem feita publicação que deverá surgir bimestralmente. Este primeiro número contém, além de comentários literários e verso noticiário, informações várias, ilustrações, etc. A revista tem sua redação em Bauri.

Ponto: direção de A. Serravallo. Conselho editorial de J. de A. Cabral. Os nossos aplausos e que a terceira de "TERRA BRANCA" continue com o mesmo entusiasmo demonstrado no mesmo entusiasmo demonstrado neste primeiro número.

Velha Praxe...

A LHA praxe é esta: a de se dizer ao que se vem. Não queremos começar fugindo ao convencional, mesmo porque esperamos, na orientação que pretendemos imprimir a esta página, fugir sempre a ele.

quantas páginas expõem, com páginas do gênero o sabemos o quanto não falíveis os planos. Sendo assim, nada de planejar. Não prometendo, o pouco que se vier a conseguir será sempre alguma coisa. Não significa isto não termos vontade de realizar uma tarefa importante. Temos. Mas ela irá se concretizando (ou não), com o decorrer do tempo, à medida do possível, dentro de nossas limitadas possibilidades. Nossas e do meio. E também dentro do apelo que nos foi emprestado.

Vamos dar uma idéia do que pretende ser a página. Não há necessidade de dizer que ela será independente. Será. Nem que se terá uma política: a política de defesa das letras e do patrimônio cultural e artístico. Também não pertencerá a quaisquer grupos ou correntes, mas procurará, na medida do possível, refletir o meio ambiente, a época, os problemas e as tendências mais diversas.

Quem quiser, uma página com colaborações originais, inéditas; uma página com depoimentos, entrevistas, noticiário do que entre nós está se procurando fazer no terreno das letras e artes. Enfim, uma página viva e atuante, que participe, que procure influir e movimentar o nosso modorrento ambiente cultural. Não pretendemos viver de transcrições. Acreditamos que terá mais valor uma página feita assim como a que imaginamos, embora fraca, do que uma outra composta de obras primas... transcritas.

...eram para levar a cabo a tarefa que nos propusemos realizar com a colaboração, sugestões e boa vontade de todos. Agora estará sempre aberta àqueles que para ela quiserem. Há uma exigência faremos: propósito honesto de contribuir para a obra que nos movimenta. Não queremos a propaganda para trabalhar por um maior divulgação das coisas catalanesas, trabalhar por um melhor conhecimento mútuo. Se isto se puder conseguir, ainda que em escala reduzida, por nós mesmos, não daremos. Não queremos ter a honra de uma palavra de encimamento. O diretor do jornal socialista de Meneçes, que tão de boa vontade cedeu nos prontamente esta página dominical.

POEMA de Província



ANIBAL NUNES PIRES

Os moleques brincam na rua
enquanto a polícia não vem:
Green football

G-men, foot-ball...
O cinema inventa
brinquedos novos.

O "já é" não é mais
O "acusado" foi condenado

e a "bandeira" relegada,
brinquedos abandonados
no museu folclórico.

Na província as alternativa
rotina e imitação

imitação e rotina.

do volume de poemas **TERRA FRACA**
a aparecer, breve, nos Cadernos SUL.

Recital
de Henry Jolles

mesmo tempo tão original, artistas tão distintos como Mozart e Schumann. Com perfeitas qualidades de técnica e uma grande capacidade de fazer entender o que há de fundamental numa psicologia e num estilo, sem por isso esquecer o valor artístico e pessoal do pormenor, Henry Jolles soube aplicar processos de execução que tornam as suas distinções claras para todos as distinções fundamentais que há a fazer entre um Mozart tão caracte-

Apostamentos Críticos

Um romance político (x)

na história. Quando parece que vai haver, não é exata. Há, isto ali, as reações dos personagens diante dos fatos, o pensamento delas, que não é o mesmo. Há, também, o pensamento de quem narra, o narrador. No momento, pensam no Pedro Gabriel, por exemplo, nos aparece como um sujeito que não tem nada de extraordinário, mas que é diferente. É ali e onde o autor mais se concentrou, procurando dar-lhe as reações mais desinteressadas, fundindo nele diversas personalidades e sentimentos. Não tememos exagerar muito, diziam, mas Maria não tem a atenção do autor nem por isto tendo as conseqüências maiores resultantes. Não tememos exagerar muito, diziam, mas Maria não tem a atenção de um sujeito empregado por Ciro dos Anjos. Deixa vez que o tema para ser dominado, ou então, toda vez que Ciro dos Anjos não quis, por exemplo, que Maria fosse a esposa de Ciro, não quis, não quis, apelou para Maria Ana, pôe-na em ação, vale-se dela assim como na

[illegible]

"Montanha" é um romance político, onde o autor procura gravar um determinado período dos mais acidentados da vida nacional. A trama é mero disfarce, não conta. Importante é o retrato que se busca traçar, mas que ficou em meio. Sai-se do livro com um sentimento de letargia e de cansaço. O livro não dá a impressão de ter sido escamoteado. Não se sabe ao certo até onde o livro desejaria levar. Porquanto neste ponto, o autor declara, retrucando, que é exatidão. Não se sabe ao certo até onde o livro desejaria levar. Porquanto neste ponto, o autor declara, retrucando, que é exatidão. Não se sabe ao certo até onde o livro desejaria levar. Porquanto neste ponto, o autor declara, retrucando, que é exatidão.

[illegible][illegible]

S. M.

(X) "Montanha" — romance — Ciro dos Anjos — Editora José Olympio — Rio, 1956.

ALDO João LUNES nasceu em Florianópolis em 1925, filho de Lúcio L. Nunes e de D. Edviges Nunes. Aqui mesmo cresceu, aqui estudou, aqui trabalhou e aqui terminou no Instituto de Educação. Sempre manifestou gosto e interesse por tudo que fosse relacionado com o estudo e o trabalho. Foi sempre muito dedicado e interessado pelo ensino. Foi aluno e Professor de História e Geografia no Colégio de São João, no Colégio de São José e no Colégio de São Francisco. Foi também aluno e Professor de História e Geografia no Colégio de São João, no Colégio de São José e no Colégio de São Francisco. Foi também aluno e Professor de História e Geografia no Colégio de São João, no Colégio de São José e no Colégio de São Francisco.

NOTA sobre o artista

[illegible]

Com "O Amanuense Belmiro", Ciro dos Anjos se projetou no romance brasileiro, idêntico "publicado alguns anos depois, já que o autor escreve sem pressa, embora nada acrescentasse à obra de Ciro dos Anjos, veio confirmar as qualidades e defeitos do livro anterior. O romance de Ciro dos Anjos, "O Amanuense Belmiro", é um livro que, a moda de Machado de Assis, o autor ou o personagem se vasculha, analisando-se e ao mesmo tempo analisando o meio e o ambiente em que vivia. Afirma é bom notar logo de começo, que o livro de Ciro dos Anjos, "O Amanuense Belmiro", não tem a intenção de realizar o livro, em si mesmo, mas sim de analisar o meio e o ambiente em que vivia. Afirma é bom notar logo de começo, que o livro de Ciro dos Anjos, "O Amanuense Belmiro", não tem a intenção de realizar o livro, em si mesmo, mas sim de analisar o meio e o ambiente em que vivia. Afirma é bom notar logo de começo, que o livro de Ciro dos Anjos, "O Amanuense Belmiro", não tem a intenção de realizar o livro, em si mesmo, mas sim de analisar o meio e o ambiente em que vivia.

[illegible]

que sabemos são em dois escritores o Leo Vaz do "Professor Germanês" e Ciro dos Anjos.

As duas primeiras livros de Ciro dos Anjos não chegam a convencer integralmente, prejudicados que são pela constante machadada, é ingênuo o valor dos mesmos dentro da modesta literatura brasileira. *Só* em um ponto pacífico e onde não precisamos nos demorar. Livros escritos com calma, sem preocupação de moda ou vontade de fazer um livro de sucesso, com uma linguagem simples, correta, precisa, estudando e captando um determinado assunto, e não o que ficou. A nosso ver Ciro dos Anjos se tornou principalmente de "O

Se dissemos que Ciró dos Anjos escreve muito lentamente. Foi a primeira curiosidade que lhe ocorreu quando começou a escrever. Onde, além do mais, diz-se, autor de "Montanha", um livro de literatura, tentando um novo gênero. "Montanha" está sendo um sucesso de público, um "best-seller". O que Ciró dos Anjos não conseguiu fazer com o livro de poesia, "Pôr do Sol", foi fazer, no verso, vir o livro sair para a rua e fugir ao limite da mais dízia de letras habituais, conseguiu o agora com "Montanha". O livro é considerado um sucesso. Mas, não conseguiu fazer o mesmo com o romance. O autor não conseguiu criar um autêntico clima. Nem conseguiu se livrar de si mesmo. E continua o mesmo intimista, o mesmo fechado, o mesmo fechado. Por isso, o mesmo não conseguiu fazer o mesmo com o gênero de livro tentado pelo autor.

005: A verdade nas letras e artes: 17 de set. de 1956

MIGUEL, Salim (Dir.) A verdade nas letras e artes. Jornal a Verdade. Florianópolis, 17 de set. de 1956, pag.5.



MIGUEL, Salim; SOUZA, Silveira (Diretores). Literatura e arte. Jornal O Estado.
Florianópolis, 10 de fev. de 1957. Suplemento Dominical

Suplemento Dominical de "O Estado" - 10-2-57

Literatura e Arte

Direção de Salim Miguel Silveira de Souza

A BIBLIOTÉCA, OS NOVOS E OS VELHOS

III

Carlos Adauto Vieira

Grande número de pessoas desperdiça o seu tempo por não ir ou não poder ir à nossa Biblioteca Pública. Muitas — sei disso com certeza — estimariam muito frequentá-la, mas tem a impedi-las o horário da própria biblioteca.

E' uma verdade.

A nossa Biblioteca abre tarde, acompanhando o horário das repartições estaduais.

Não me parece acertado tal fato, porque não dá oportunidade a que um grande número de pessoas, que começa a trabalhar às 9 horas, vá, aproveitando um pequeno espaço de tempo, ler um pouco. E estas pessoas ficam pelos cafés, esquinas, e jardins sem nada que fazer, aguardando o momento de irem para as repartições ou empregos. Desperdiçam, assim, precioso tempo, durante o qual poderiam aprender um pouco mais e, até mesmo, tornar-se mais aptos e mais úteis.

Acho que a nossa Biblioteca deveria começar a funcionar às 8 horas da manhã e só encerrar os serviços às 22 horas, revendo-se, naturalmente, os funcionários para os não cansar muito.

Também outro, deveria ser o horário dos sábados e dos domingos. Não deveria deixar de haver expediente aos sábados à tarde e pelo menos aos domingos pela manhã, dias em que quase todos estão de folga. Assim muito mais poderia ser aproveitada a biblioteca, prestando maiores benefícios à população, pois esta é a finalidade de uma biblioteca, particularmente em um país como o nosso, onde o grau de cultura é tão baixo e há tanta necessidade de homens cada vez mais capazes.

Sem barreira no céu

Assim, o Clube de Cinema de Florianópolis alcança mais uma vitória nos esforços que vem empreendendo para proporcionar aos associados obras de real valor dentro da arte cinematográfica.

Para o ingresso na sessão de hoje, às 10 horas, deve o sócio apresentar apenas o seu cartão de cineclubista relativo ao Círculo D.

POEMA

LILA RIPOLL

Estou sózinha e tenho as mãos vazias.
Mas meus olhos não choram
e o meu canto é de esperança.

A terra está bordada de insetos e de flores
e o vento é uma cortina de perfume.

Naum canto da terra
anda teu passo,
sob as altas estrélas cintilantes.

Teu passo audaz e largo anda nas ruas
transformando em ação pensamento.

Amo a noite que foge,
a terra e os homens,
e o corpinho que abriste à minha frente.

Estou sózinha e tenho as mãos vazias...
Mas meus olhos não choram
e o meu canto é de esperança.

Artistas Plásticos Calarinenses



VENDEDOR DE TORRADINHO

— Desenho de D. Brandão

MAURA

Conto de Silveira de Sousa

Muitas vezes a vi, naquelas tardes da minha infância através da janela. Ela corria e pulava nas calçadas, des preocupada, entre um bando de meninas. Tinha a risada cristalina, que se desprendia a todo o momento, pela menor bobagem. Ria sem motivo, riso a-tôa. Palavra rindo cumprimentava rindo as pessoas.

— Nossa, essa menina sempre com a boca escancarada! O corpinho magro e mal formado não prometia grande coisa. Movia-se com agilidade, como se fosse elástico. Pois as pernas finas não paravam quietas, trepavam nos pequenos muros, pulavam cerca, corriam a rua, pra cima e pra baixo.

A memória é cheia de histórias. Não sei dizer se a rua era alegre ou se triste. Vejo retângulos de luz, que logo apagam, cobertos por manchas de sombra. Lembro o dia de sol e a rua brilha viva, intensa, risinha no semblante dos moradores dos transeuntes, da praça travessa. Vem-se os dias de vento sul, então a invade a poeira, cerram-se portas e janelas, somem as pessoas. Fica solitária, friorenta, redemoinhando papel e poeira sob um céu de chumbo.

No jardim da minha casa o vento batia no rosto de Maura. O vento agitava os gerânios (chamávamos peixinho frito), inclinava as margaridas, pequenos sóis amarelos de raios brancos. Amávamos o periquito novo, presente da tia Madalena.

— Olha como ficou gozado Marinha.

Balançando no ramo de buxo, as asas caídas, o periquito nos olhava de lado o bicho redondo e espantado, pendurado por um pé, caía pra baixo.

— E' mesmo.

Deu uma risada. Tomou o colo. Acarinhou-lhe a cabeça, com o dedo.

— Tadinho do meu tiquinho!

O bicho se encolheu, semi-cerrou os olhos, agradecido. Sem que o soubesse, a voz de Maura me enleava de há muito numa rede de ternura. Ouçoa hoje como uma nota de suavidade, em meio às vulgaridades dos dias.

Subindo a rua, "seu" Vicente, pai de Maura, cambaleava bêbado, na tarde abafada de verão. Trabalhava na estiva, um gigante, músculos enormes saltavam-lhe dos braços. Nas janelas, a vizinhança dividia-se em penalisada e divertida.

— Coitado!

Coitado nada, cachaceiro, isto sim!

— Deu pra isso, de um tempos pra cá.

— Tenho pena é da dona Alzira, coitada!

— Que vergonha!

"Seu" Vicente esbravejava furioso, um discurso ininteligível. A garotada ria em algazarra. Dona Alzira corria para o marido, gorda, de chibitos. Palavrões a enxota rem. Persistiu, afilada.

— Pelo amor de Deus, Vicente! Pelo amor de Mari-Santíssima!

— Pai, vem pra casa, pai! Maura chorava. Segurou um braço do pai. O gigante atirou-a e bateu-lhe. Bateu-lhe no rosto, na cabeça, bateu-lhe no corpo. A figura miudinha se estorcia, gritava inutilmente. O choro se expandiu na rua, apelo vazio de encontro às fisionomias inertes.

Odeia a rua, odeia a vizinhança. Corri para casa, que não vissem o ódio que tive de mim mesmo.

No dia seguinte já havia esquecido o caso. Maura também trazia as risadas de sempre. Tantas eram as seduzidas da rua e da infância!

Esquecia-me dizer: naqueles tempos a rua era minha.

MIGUEL, Salim; SOUZA, Silveira (Diretores). Literatura e arte. Jornal O Estado.
Florianópolis, mar. 1957. Suplemento dominical

Supl. Dom. de "O Estado" - 3-1957

Literatura e Arte

Direção de Salim Miguel e Silveira de Souza

MANAGRO Conto de Arnaldo Brandão

Todas as tardes, por volta das quatro horas, aparecia nas imediações do chalé, a figura de uma mulher magra, demasiadamente magra, coberta por um lenço negro que lhe descia da cabeça até a altura dos joelhos, dando-lhe a impressão correta de uma Parca que ali viesse a procura de seu interrompido fio.

Mostraram-me ela uma dezena de vezes. Olháva-a com desdém. Pouco me interessava a figura estranha e misteriosa daquela mulher que, cronometricamente, surgia e que também, na hora exata, desaparecia como se fosse uma sombra, uma visão sobrenatural.

Até mesmo os cães dela fugiram. Crianças escapavam, aterrorizadas e homens evitavam olhá-la de perto, detendo-se a caminhar e rondando livremente o chalé, aquela hora, já pleno de sombras da noite de inverno próxima a cair.

Managro — um velho pescador que passava as tardes inteiras a remendar redes velhas que seus companheiros traziam pela manhã e prometiam vir buscá-las ao tombar da noite, foi quem, certo dia — me falou da mulher de lenço preto e por te excessivamente agulo.

— Não acredito, Managro não acredito. Disse-lhe — após escutar o que o remendador me contara.

— Não acredito, pela simples razão de que histórias dessa maneira, são contadas e recontadas o ano inteiro por essa gente rude que — igual a você — passa horas inteiras a meditar e imaginar coisas, enquanto as mãos retêm um canco ou fio de anzol... Formam, então, essas cabeças, as histórias mais lúgubres e tenebrosas que um mortal possa imaginar. Tenho experiências com essa qualidade de gente. Não é a primeira vez que venho a beira mar...

— Managro não mente.

— Managro é pescador velho e já viveu muito observou muita coisa...

— É um tipo comum. Em todas as aldeias de pescadores, vamos encontrar sempre o remendador de redes que trabalha com o cérebro e com as mãos ao mesmo tempo. Que arquiteta narrações estranhas, próprias parecem-me da profissão...

— Managro viu com estes olhos que os peixes não quiseram comer...

E o velho homem levou a mão trêmula e rugosa até a órbita esquerda e fez descer, um centímetro abaixo, a pálpebra enrugada e purulenta, motivada por alguma inflamação consequente do último vento sul.

— Managro era menino quando chegou aqui na aldeia. Só havia dois pescadores, meu pai e o marido da velha... Meu pai morreu cedo e o marido da mulher de lenço preto morreu tarde, muito tarde...

Meu pai, quando Deus chamou em uma noite de temporal. O marido da velha, não...

E sorriu feio. Dentes pretos e quebrados.

— O marido dela... ah, ah... O senhor não acredita, porque o senhor é bom... O marido daquela bruxa não morreu quando Nosso Senhor o chamou, mas sim, quando a mulher o quis...

Sentei-me na proa de uma embarcação que se achava puxada e olhei demoradamente seu interior onde havia algas verdes e escamas secas.

— Escute-me, senhor, acredite ou não, mas repare repare quando a velha surgiu, como ela traz em baixo do braço um catuto com á-

(Cont. em outro local)

CLUBE DE CINEMA

O Clube de Cinema de Florianópolis, encerrando a programação "Literatura e Cinema", dará início ao Ciclo E, que se trata de uma retrospectiva do diretor WILLIAM WYLER, obedecendo a seguinte programação:

- Dia 11 — Perdição por amor
- Dia 16 — Chagas de Fogo
- Dia 23 — A Princesa e o Plebeu
- Dia 30 — Tarde Demais

As sessões serão realizadas, como sempre, no Salão Nobre do Colégio "Dias Velho", sendo que, com as três últimas, volta o Clube a funcionar no antigo horário dos sábados, às 20 horas, em virtude da reabertura das aulas no citado Colégio.

ARNALDO BRANDÃO

Arnaldo Brandão é um filho de Itajaí que tem elevado o nome de Santa Catarina no campo das letras.

No ano próximo findo, a Editora Gráfica Laemmert Ltda. entregou ao público leitor "O Vendedor de Pinhões", um de seus últimos trabalhos. Do agrupamento hábil e harmonioso de alguns de seus contos, especialmente selecionados, nasceu esta obra, retratando, de modo geral, a vida quotidiana e simples em terras bariga-verde. Buscar o interessante na simplicidade, dar relevo ao belo e transmitir tudo ao público de maneira acessível, eis as principais preocupações demonstradas pelo autor. Dedicado inteiramente à literatura, Arnaldo Brandão compreendeu que o mundo moderno exige também no setor literário obras modernas, narradas com simplicidade, clareza e de fácil assimilação.

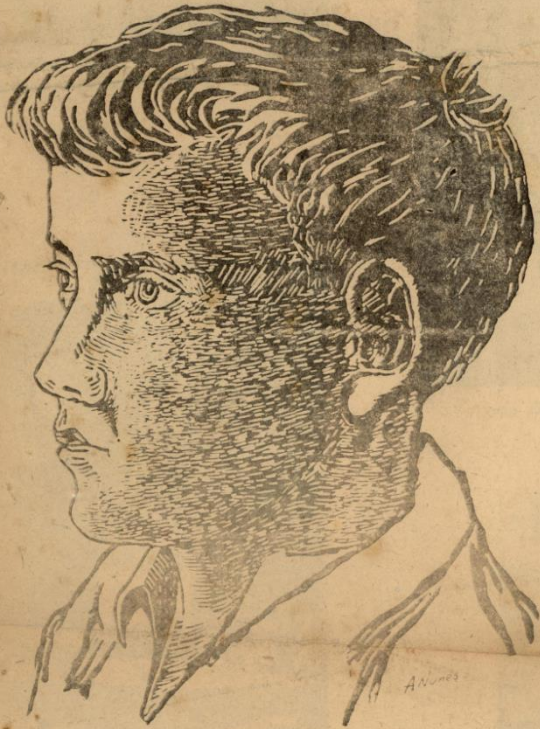
O fator tempo é muito importante para o homem de hoje. Compreender com exatidão, sentir com magnificência e concluir corretamente e rapidamente, são coisas preponderantes. Nos dias atuais, era da técnica, pressa, agitação, aperfeiçoamento da máquina, super produção, reformas sociais, etc: nada pode parar. Progresso e continuidade se relacionam intimamente. Todas estas circunstâncias foram consideradas pelo autor do "O Vendedor de Pinhões", que, com rara habilidade, soube proporcionar deleite e encantamento através de seu livro não descurando jamais das comodidades reclamadas pelo leitor.

Do mesmo autor, que é jornalista formado pela Faculdade Nacional de Filosofia do Brasil, no Rio, são conhecidas diversas obras de alto valor literário. "Bas-fond", "Poemas de Arbrant", "Um Brasileiro nos Caminhos da Europa", "Sol Perpendicular", "A Taverna do Gato Branco" e "No Mundo da Lua" são também trabalhos seus todos consagrados pela crítica.

Taliarbas S. Martins Costa

ARTISTAS PLÁSTICOS CATARINENSES

CABEÇA DE MENINO — Desenho de Aldo Nunes



Managro

(Cont. da última pág.) to de um cenário onde se
gua... Repare bem, se não desenrolara uma tragédia
é como estou dizendo... shakespeariana.

Traz aquela água porque o catuto que o marido levou no dia em que se afastou da terra para a grande... de verão, continha água envenenada, ah, ah, ah, e foi ela, foi a bruxa quem o preparou... ah, ah, ah...

Hoje, ela morre de remorsos. Dizem que o marido aparece, todo dia à meia-noite, e pede-lhe água pura. Marca um encontro com ela, dá o chalé como referência — justamente às quatro horas. Dizem também que o morto já perdôou e esqueceu a traição da esposa que o envenenou para viver com o Tebaldo. Aparece, apenas para pedir-lhe água, água pura, um catuto com água que ele possa beber e matar a sede que o atormenta, ah, ah, ah...

E a assassina vem. Vem e traz a água e traz o catuto e o leva de volta para trazê-lo novamente no outro dia, ah, ah, ah, e vai tempo em cima disso, já vai um tempão! Ah, ah, ah...

— Sorriso estúpido, sorriso de velho caduco, pensel comigo, quis dizer-lhe, porém me calei. Deixemos o velho idiota.

Dai a pouco surgiu a mulher com o catuto na mão conforme falara Managro e olhou para o chalé, sondou o oceano, vagou um pouco pela praia e lá se foi de volta com o vasilhame cheio d'água, de água pura como lhe pedira o marido em sonho, em delírio ou em alguma visão.

Managro olhou para mim e piscou o olho purulento. Deslisou pelas mãos nodosas a rede perfeitamente conservada. Em seguida, levantou-se à altura do nariz e fez passá-la diante dos olhos para constatar que não havia mais buraco. Dobrou-a cuidadosamente e colocou, sobre ela, uma pedra limosa.

— Ah, ah, ah, o senhor não acredita, o senhor não acredita... Então qual é a explicação?... Quer dizer que o marido não aparece e não lhe pede água?... O senhor é muito inocente, senhor é muito bom...

Não é a primeira mulher que mata o marido por causa de outro, mesmo que seja mulher de pescador...

Levantei-me e sacudi da calça algumas escamas que haviam se aderido a ela. Olhei para o velho Managro e para seu cachimbo que fumegava. A noite que caía, punha manchas escuras por todos os lados e dava à paisagem o verdadeiro aspec-

Managro se pôs a caminho de casa e eu, ao seu lado, caminhava indiferentemente. Ambos pensavam naquela história. Cada um a seu modo, cada um com a sua opinião...

Conto de

Arnaldo Brandão

MIGUEL, Salim; SOUZA, Silveira (Diretores). Literatura e arte. Jornal O Estado.
Florianópolis, 17 de fev. de 1957. Suplemento Dominical

Suplemento Dominical de "O Estado" - 17-2-57

Literatura e Arte

Direção de Salim Miguel Silveira de Souza

O Papagaio

Conto de J. Simões Lopes Neto

O reverendo Padre Bento de S. Bento — que o Senhor talvez conhecesse, não? — era um santo homem paciente — paciente! paciente! — como naquela época outro não hou-
ve.
Nos círculos de burlantins muita coisa curiosa tinha aparecido: cachorros sábios, cabras que faziam provas, e-
valas dancarinhas e burros, que a dente pagam o palhaço, pela a atrás das pantalonas; mas a paciência, para esse ensino não pôde comparar-se, não pedese, com a do reverendíssimo.

O Padre Bento, farto de aturar sacristães e não querendo estragar a sua paciência, que estava-lhe na massa do corpo, resolveu dizer as suas piadas ao zócio.

Preparava as galhetas, o misal, etc.; depois pachor-
rentemente paramentava-se e pachorrentemente espera-
va a hora de officiar; che-
gada, encostava-se para a altar, e começava e concluía, parte por parte, tudo muito em ordem.

Mas o filé, o bem bom era quando entrava na ladainha:

— Ela cantava o nome do son-
ro e uma vozinha esquisita
porém muito clara respon-
dia logo:
— O -o-a por nobis!
E os fiéis, em seguida, pela
pequena nave afora, acudi-
am ao estribilho:
— Ora pro nobis!
Dessas ladainhas assisti-
eu a muitas, na capelinha de
S. Romualdo, que era próxi-
ma a nossa casa, na vila
de...
Agora sabem quem canta-
va as ladainhas do Padre
Bento?
Era o Lorota, um papagaio
amarelo, criado na gaiola e
muito bem falante...
Com ele divertime muitas
vezes...
— Lorota, dá cá o pé!
E ele, ensinado pelo padre
respondeia, amável!
Coiado!... O padre ma-
reou e o Lorota, não tendo
mais a quem dar contas,
foi...
Passaram-se os anos.
Uma vez, estava eu na Ser-
ra, numa espera de onça
quando senti — confesso
não medo, mas um arrepi-
do... frio — quando ouvi,
nas profundezas do mato vir-
gem, uma ladainha religio-
sa!...

E pausada, afinada, bem
puxada em sumô!
Seria um sonho... Estaria
eu errado na tocaia das on-
ças, e em vez de estar na flo-
resta cheia de bichos fero-
zes, estava na vizinhança de
algum convento, de alguma
capela, de alguma roma-
ria?...
E a ladainha, compassada
e cheia, vinha se aproximando:
— Bento S. Bento!
— Ora pro nobis!
— Santo Atanásio!
— Ora pro nobis!
— S. Romualdo!
— Ora pro nobis!
Eu mergulhava os olhos por
entre os troncos, os cipós e
as japecangas a ver se bis-
pava uma cor de opa, uma
luz de tocha, uma figura de
gente; nada!
Nisto, a ladainha pousou
nas árvores, por cima de
mim. Pousou, sim, é o termo
próprio, porque quem can-
tava era um bando de papa-
galos e quem puchava a la-
dinha era o papagaio do
Padre Bento, era o Lorota!
A paciência do bicho!...
Ensinar, direitinho, aos ou-
tros, a santoria toda!...
Fasso daquela espátula,
e duvidando, quis tirar uma
prova real, e perguntei para
cima:
— Lorota? Dá cá o pé!...
Pois o papagaio conheceu a
minha voz, conheceu, porque
logo retribuiu-me com a an-
tiga resposta que ele sempre
dava:
— Romualdo é bonito! Bo-
nito!...
E como para obsequiar-me
fiz um — errei! — como vi-
so de comando e reconheci
a ladainha:
— Bento S. Bento!
— Ora pro nobis!
— Santo...
Nisto tremui o mato com
(Cont. em outro local)

O ROSTO E A MASCARA

— Egil Malheiros —

Por detrás das convenções
E da expressão estabelecida,
A ternura.

Ondas infinitas
Dessa imensa e desolada ternura,
Mais desconsoladora
De uma explicação,
Que o odio.
Que o revoltado desespero.

A face,
Luta e pensamento,
Frocura desvalhada
De uma explicação,
Ilusão...
Resposta...
Para si... para o mundo
E um louco,
Um ardente
Um desejo de paz.

O rosto desnudo,
De raiocitros e axiomas,
O desejo triste, onipresente
(Melancolia do inatingível)
De ternos anseios
Que o homem sonha
Mas não se dá.

No recesso
Do mundo íntimo
Os doces, quase infantis
Inconclusos
Gestos de carinho:

O homem sem máscara:
Um punhado de ternura,
Um grito alucinado,
Por calma e paz.

(De MANHA — poemas — Cadernos SUL, II, 1952)

PRÊMIO "MONTEIRO LOBATO"

Damos abaixo as bases do concurso instituído pela C.E.N.

Art. 1.º — A Companhia Paulista de Escritores. Os membros da comissão não poderão, em qualquer hipótese, concorrer ao prêmio.

Art. 2.º — a Comissão Julgadora decidirá por maioria de votos, devendo a sua decisão, tomada em caráter secreto e irrevogável, ser dada três meses depois de encerradas as inscrições.

Art. 3.º — as inscrições ao concurso serão encerradas a 30 de julho do corrente ano, e o prêmio ao vencedor será entregue a 22 de novembro, daquela data, a Câmara Brasileira do Livro promove como parte dos festejos do Dia do Livro.

Parágrafo único — os trabalhos deverão ser encaminhados, na forma do Art. 3.º, à sede da Sociedade Paulista de Escritores, à rua João Bricola, 46 — 10.º andar, salas 1017 e 1022, São Paulo, acompanhados de carta, em envelope fechado, em que se declare a intenção de concorrer, indicando nome completo nacionalidade, profissão, endereço e título do trabalho concorrente.

Art. 4.º — a comissão fica reservado o direito de não conceder o prêmio, sempre que julgar não ter sido, nenhum dos trabalhos concorrentes, merecedor dessa distinção.

Art. 5.º — os originais apresentados ao Concurso não serão devolvidos.

Art. 6.º — os casos omissos serão resolvidos pela Diretoria da Sociedade Paulista de Escritores.

Art. 7.º — o trabalho concorrente terá sua publicação assegurada através da Companhia Editora Nacional.

Parágrafo 3.º — além do prêmio em dinheiro referido no Art. 1.º, o autor do trabalho premiado receberá os direitos autorais de praxe relativos à publicação do trabalho.

Art. 2.º — é condição essencial à inscrição ao concurso que os trabalhos apresentados sejam inéditos.

Art. 3.º — os originais, em três vias, deverão ser apresentadas dactilografadas, em dois espaços, formato oficial.

Art. 4.º — é condição, igualmente indispensável, para concorrer ao prêmio, que o autor seja brasileiro ou, se estrangeiro, domiciliado no Brasil, e que o trabalho seja escrito em língua portuguesa.

Art. 5.º — o concurso será julgado por uma comissão de três membros, escolhidos pela diretoria da Sociedade

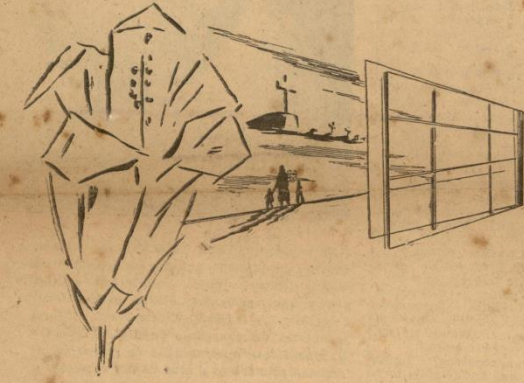
JOÃO SIMÕES LOPES NETO

(1865 — 1919)

Foi um dos maiores escritores regionalistas da nossa literatura. Nasceu em Peixotas, Rio Grande do Sul. Foi também jornalista, mas nos seus contos, focalizando cenas e costumes da gente gaúcha, é que se há de medir a sua grandeza. O melhor da sua obra está reunido em "CONTOS GAUCHESCOS e LENDAS DO SUL".

O conto de hoje foi extraído de CASOS DO ROMUALDO, publicação póstuma. Trata-se de uma série de contos fantásticos e pitorescos, que nos lembra, por vezes, as célebres histórias do Barão de Munchausen, vividas num cenário caboclo.

Artistas Plásticos Catarinenses



FLORES — Ilustração de Hiedy de Assis Corrêa para um conto de Anibal Nunes Pires.

13

MIGUEL, Salim (Dir). A Folha nas letras e artes. **Folha Popular**. Florianópolis, 8 de jan. de 1954, pag. 6.

A Folha nas Letras e Artes

Direção de SALIM MIGUEL

I. Existe uma Literatura Catarinense?

Ninguém mais perde tempo a ler livros que não possuam o mínimo de potencialidade literária e que não apresentem, pelo menos, uma possibilidade nascente onde se possa, mesmo por intuição artística, perceber realizações futuras de estética literária. A literatura é ou então não é literatura. As possibilidades do passado, que ficaram somente nas possibilidades não pesam e não afirmam uma literatura catarinense. Uma literatura não se realiza com autores e obras que foram, simplesmente, esperanças e tentativas; às vezes divagações em horas de ócio. O presente é só possibilidade.

Existe uma Literatura Catarinense?

que difere do passado por ser possibilidade em potencial, dinâmica, viva. Tudo, entretanto, é tão complexo que devemos desconfiar das soluções e afirmativas simplistas.

II. Quais os requisitos para a experiência de uma literatura catarinense?

Tudo ao redor de nós vibra e está pedindo, há anos, que alguém perceba essas vibrações e as expresse, sem artificialismos e, por uma necessidade, o desespero e a natural quanto o desabrochar da flor, o despertar do sexo e o nascimento de um novo ser. O material ali está: O drama do mineiro de carvão, o lirismo das populações costeiras, dos pescadores e das rendeiras, a colonização alemã e a italiana, os jagunços, o ridículo dos bairrismos e da política do município, o continente, a ilha, a ponte e tudo mais. Vemos e sentimos essas objetividades todas mas é necessária, absolutamente necessária, a apreensão artística das coisas e dos fatos.

Então, só o que diz respeito aos nossos problemas é que pode constituir uma literatura catarinense? Olhando-se o problema através de um aparelho simplificador, diríamos que sim, pois seria literatura catarinense para o mundo, tendo em vista que a literatura é uma arte e a arte é universal. Se a matéria-prima fosse outra que não aquela, teríamos literatura do Brasil para o mundo. Desse modo, os requisitos que se referem a esta pergunta, resumem-se num só: "Apreensão das coisas com mais de cinco sentidos."

III. Se existe, quais as características dessa literatura?

Prejudicada.

Fpolis, 8/1/54

Aníbal Nunes Pires.
Professor, formado em Direito.
Diretor da Revista "SUL"

1.ª) Se considerarmos como literatura catarinense não o conjunto literário escrito por catarinenses mas sim uma obra com unidade, apresentando características absolutas por influência do meio das tradições locais, dos grupos étnicos, então creio não existir tal literatura. É verdade que houve e tem havido tentativas esparsas de regionalismo não só na pro-

Continua na página 7

PRIMEIRO CONGRESSO NACIONAL DE INTELLECTUAIS

Deverá se realizar, de 14-21 de fevereiro, em Goiânia capital do Estado de Goiás, o primeiro Congresso Nacional de Intelectuais. Neste conclave serão debatidos importantes problemas atinentes às atividades culturais, bem como outros que de uma maneira ou outra atinjam os intelectuais e que, em última instância, são os mesmos que afligem toda a coletividade. Centenas de assinaturas já foram recolhidas nos mais diversos Estados, inclusive aqui. Para a realização do Congresso o governo de Goiás, votou uma verba de quinhentos mil cruzeiros, sen-

Primeiro Congresso Nacional de Intelectuais

do os congressistas consideram hóspedes oficiais do governo. Nomes dos mais representativos da cultura estrangeira serão convidados. Em quase todos os Estados vem se realizando, etc. Abaixo damos a convocação, bem como o Tomário do Congresso, sendo que todos os intelectuais catarinenses estão convidados a darem seu apoio a este magno certame. Espera-se que uma boa Delegação, interessada e esforçada, compareça, fazendo com que Santa Catarina seja representada nos trabalhos.

CONGRESSO NACIONAL DE INTELLECTUAIS

O Brasil possui um patrimônio cultural que se criou e vem se enriquecendo no decorrer de toda a sua história e que representa valiosa contribuição ao tesouro comum da cultura universal.

Nos mais diversos ramos da nossa cultura verificam-se peculiaridades que bem revelam as virtudes criadoras do povo brasileiro. No entanto, os intelectuais brasileiros estão con-

vencidos de que é necessário e urgente um esforço conjunto e fim de preservar o caráter nacional de nossa cultura, vencer as barreiras que hoje mais do que nunca se opõem ao seu livre desenvolvimento e permitir que se estabeleça o mais amplo intercâmbio cultural com todos os países, em benefício da cultura de toda a humanidade.

É certo também que os intelectuais, brasileiros não tiveram oportunidade até aqui, de promover e manter contactos permanentes entre as suas diversas categorias profissionais e compreendem que daí decorre a maior parte das obstruções à execução de medidas comuns em defesa de seus interesses éticos e profissionais.

Estas considerações nos levam a propor a realização de um "CONGRESSO NACIONAL INTELLECTUAIS", em que se reúnam escritores, artistas, cientistas, educadores, cineastas, jornalistas, juristas, pesquisadores, editores, profissionais liberais, técnicos, universitários, musicistas, poetas, rad-

Cont. na pag. 8 deste cad.

Verdadeiramente não é, nem um pouco, uma surpresa, pois já conhecíamos de há muito o autor e suas possibilidades no terreno da ficção. Possibilidades das mais amplas. Vocação verdadeira, positiva, de ficcionista, para não é ele o que mais promete entre os novos autores catarinenses. Alias esse promete que ali atrás ficou é um bocadinho desagradável. É espécie de carvão, de ager comum para se dizer de quem nada mais se pode dizer. Eliminemos portanto o "promete". Guido Wilmar Sassi — não é dele que falamos — não é mais uma simples promessa, nunca foi uma promessa. É sim um autor novo de vastas perspectivas, uma vocação de verdadeiro escritor, que se realia de forma insofismável neste seu livro de estréia.

Com seu livro de estréia (PIA — contos, edições "SUL", Florianópolis, 1953), se coloca não só como o melhor contista catarinense de qualquer época, mas um dentre os melhores contistas brasileiros das novas gerações. Contos como "Calor", "Fila", "Papelão", e outros mais, a isto o credenciam. Guido Wilmar Sassi sabe como realizar uma história, como, em poucas linhas, traçar um perfil, caracterizar um estado de alma, dar um traço psicológico, gravar e erguer uma figura, pô-la a se movimentar diante de nós. E viver. Figuras de carne e osso, com suas paixões, passeiam pela obra. Exemplos do que afirmamos sobejam, bastando, para que nos certifiquemos, folhear o livro.

Lidando com crianças, pois o volume se compõe de 15 histórias todas elas abordando temas da infância, assunto onde muitos outros autores de mais prática se perdem, Guido sempre consegue manter o e-

Nossa Opinião

Uma Estreia Importante

quilíbrio. As crianças são em verdade crianças. Pensam, vivem, agem e reagem como crianças. É este um ponto importante e muitas vezes esquecido pelos autores.

O tom do livro é firme, a linguagem, quase sempre, precisa e sóbria. Se às vezes parece abusar da repetição ou de um lirismo fácil e ultrapassado, não o faz tanto que se torne num cacete. Bem verdade, ter-se contido mais, se limitaria um tanto. Ao fechar o volume, notamos que, em quase todos eles, esta constante permanece, se faz notar mais do que o necessário. Contudo, verdade é que o autor sabe tão bem jogar com as palavras, que não se torna monótono nem cansativo. Mas aí está a nossa dúvida maior. E por isto chamamos a atenção do autor. Não estará ele, às vezes, bem raro, tentando com este jogo de palavras esconder alguma deficiência? O importante é atacar os problemas de frente, tentar penetrá-los, desvendá-los, vencê-los. E não torná-los. Temos certeza de que, em próximo volume, analisando, estudando este ponto detidamente, Guido saberá livrar-se deste quase cacete e vencê-lo.

O importante, o fundamental é que Guido Wilmar Sassi sabe o que quer, que fim atingir com sua literatura. É uma literatura firme, corajosa, positiva. Entranhada nos problemas humanos, mostra-nos sem sub-

terfúgio a vida de miséria e dificuldades da população serrana. Através das histórias, entregadas às crianças, desfilam figuras, problemas e amontoam, verdades são desvendadas. Guido nada encobre nem embeleza. Também não exagera. Conhece a justa medida, sabe a proporção exata. Enfrentado nos problemas, vivendo-os, sentindo-os, acompanhando-os desde pequeno, pode apresentá-los sem exageros e com fidelidade. E se não faz a tão discutida e por vezes detestável literatura de tese, não é nunca um alheio, mas um participante, no melhor sentido da literatura participante. Se não apresenta soluções aos problemas é porque, vivendo com o personagem, integrando-se nele, pensando, sendo o personagem, só pode reagir como este reage. E este não tem ainda consciência clara, visão nítida dos problemas e das soluções. Portanto a nosso ver a atitude de Guido é a atitude certa. Agir de maneira diversa seria falsear a verdade, fugir à realidade e aos fatos, não encará-los como devem ser encarados.

Quem conhece as nossas populações do interior sabe que na maioria das vezes elas mais vegetam do que vivem, mil e um preconceitos que lhes totem a liberdade, intimidações, acovardadas, com reações, reflexos passageiros de reação e revolta. Buscando uma solução, mas desorientadas. Assim, nas entrelinhas, as mostra Guido. Por vezes, com um leve toque,

uma certa desigualdade ainda existe — influências muito a flor da pele, muito notadas, maneiras de ser e reagir muito semelhantes a outras — e mais que natural. Demos dois exemplos: "Desejo" reflete clara influência de certo trecho de "Serviço Humano", de S. Maugham, enquanto "Mudança" é muito K. Mansfield. Mas coisas de sensores diante do real e incontestável valor do livro. Diante do poder do mesmo, poder de fixação da psicologia infantil muito especialmente.

Quando muitos jovens literatos brasileiros parecem andar desorientados atrás de uma pseudo literatura, chafurdando, quando a literatura apresenta tantos aspectos negativos e mórbidos, com influências nocivas e alheias à cultura brasileira, quando uma busca desesperada e desesperante de originalidade toma a cabeça — alguns jovens autores, é bom ler-se um livro sério e equilibrado como o de Guido Wilmar Sassi. Um livro bem escrito, um livro humano, um livro que apesar do que apresenta — dificuldades de vida, crianças abandonadas e maltratadas, dor, miséria e fome, incompreensão e luta — é um livro, no fundo, positivo, um livro otimista, um livro de confiança e fé no futuro, quando, conforme dita a dedicatória a todas as crianças do Brasil e do mundo quando "um dia, por mais distante que esteja esse dia, todos sejam felizes".

Com "PIA" Guido Wilmar Sassi se credencia, sem favor algum, mas de direito, a um lugar de merecido destaque entre os novos contistas brasileiros.

Florianópolis, janeiro, de 1954
S. M.

grava, fixa um ridículo, como a velha dos peitos de "Fila" ou o jornalista do mesmo conto. Em outras apresenta um enigma, um fato, e como ele vai se aclarando aos olhos do personagem principal — sempre uma criança — como em "Diferença". Noutros é a poesia, leve, difusa, falando em tudo, "mansfieldiana", como em "Mudança".

O principal é que lidando com crianças e compreendendo-as, analisando-as, sentindo-as, fazendo-as viver, Guido cria (ou recria), num ambiente que todos reconhecem como o da zona serrana, uma nova maneira de ver e estudar, de realizar uma literatura catarinense. De sentido brasileiro, de sentido universal. Se bem que de ambiente regional, local, os contos possuem em alto grau uma característica que os universaliza: o tom humano que percorre todos eles, a sinceridade que os domina. E os torna obras de arte. O importante na obra de arte é partir do regional para o universal; do particular ao geral. Dar uma mensagem do que é seu, mas uma mensagem que embora não deixando de ser dali, daquela parte da terra, facilmente reconhecível, com seus costumes e modismos, possa ser entendida e admirada em qualquer outra parte.

Não abusar do regionalismo — que é um mal. Não fazer cosmopolitismo — que é outro mal talvez maior.

Fazer arte.

E Guido o consegue.

Se um certo desequilíbrio ainda se nota, é natural. Se

14

A Folha nas Letras e Artes

Direção de SALIM MIGUEL

Notícia do Primeiro Congresso Nacional de Intelectuais

Prosseguem cada vez com mais entusiasmo os trabalhos preparatórios do Primeiro Congresso Nacional de Intelectuais, a se reunir de 14-21 de fevereiro próximo, em Goiânia. Reuniões, palestras, exposições, vem sendo realizadas, quer em Goiânia, sede do Congresso, quer no Rio, São Paulo, etc. Delegados do Congresso percorrem o país, ativando os trabalhos, auxiliando na organização das Delegações estaduais, esclarecendo. Mais de 800 assinaturas já foram colhidas em quase todos os Estados do Brasil. Convites para nomes dos mais representativos da cultura estrangeira foram expedidos, sendo de esperar que muitos países se façam representar, dando assim um interesse ainda maior ao Congresso.

Além da verba de Cr\$ 500.000,00 votada pelo governo de Goiás, bem como outras facilidades para os Delegados, é de se notar ainda, isto para não se falar do Rio e S. Paulo, os auxílios para a formação das Delegações de Pernambuco (Cr\$ 40.000,00 do governo estadual), Ceará (Cr\$ 50.000,00 do governo estadual e Cr\$ 10.000,00 da prefeitura), Rio Grande do Sul (possivelmente um avião especial para o transporte da Delegação gaúcha, que se comporá de 20 elementos), etc.

Dentre as últimas assinaturas de apoio ao Congresso, anotamos: Prof. Josué de Castro, autor de "Geografia da Fome" e "Geopolítica da Fome", livros mundialmente conhecidos, sendo seu autor autoridade reconhecida como das mais capazes no terreno de sua especialidade; Peregrino Júnior, escritor, membro da Academia Brasileira de Letras; Fernando de Azevedo, escritor e educador; Alberto Cavalcanti, cineasta, famoso diretor brasileiro da vanguarda francesa e do documentário inglês; Paulo Mendes de Almeida, procurador Geral do Estado de São Paulo, e muitos outros.

Também aqui entre nós o Congresso tem encontrado apoio, já se contando por dezenas os signatários da Convocatória. O Governo do Estado se prontificou em auxiliar este conclave de cultura, que, por uma semana, reunirá em Goiânia a intelectualidade brasileira, para discussão e debate dos múltiplos problemas atinentes à classe.

Em nosso próximo número daremos o nome dos Delegados que representarão Santa Catarina.

Existe uma Literatura Catarinense?

— Interrogado sobre a existência ou não de uma literatura catarinense, genuinamente barriga-verde, cabe-me uma resposta: literatura catarinense, equacionada em termos regionais, não há. Exceituando a obra de Tito Carvalho, "Bulha do arróio", nada mais se escreveu, aqui, nesta parte do Brasil, sobre tema ou assunto, próprio da terra, até bem pouco tempo.

— Ultimamente duas tentativas apareceram, neste sentido, em edições "SUL": "Alguns gente" e "Piá" — ambas, a meu ver, possuidoras dos requisitos indispensáveis à uma literatura regional: localização (cenário) e expressão linguística. Está, entretanto, na hora de mostrarmos que Santa Catarina tem condições para a existência de uma literatura regionalista.

Walter F. Piazza — Professor, escritor, diretor do Boletim da Sub-Comissão Catarinense de Folclore.

Quais os Melhores

1) — Quais os 5 melhores filmes estreitados em 1953 em Florianópolis.

2) — Qual o melhor filme nacional?

Florianópolis?

Fúlvio L. Vieira, advogado

- 1) — Direito de matar
- 2) — Luzes da ribalta
- 3) — Sinfonia de uma cidade
- 4) — Amanhã será tarde demais
- 5) — O barba azul

Nacional: — O cangaceiro

Alfredo L. Meyer, acadêmico de direito:

- 1) — Luzes da ribalta
- 2) — Direito de matar
- 3) — Um lugar ao sol
- 4) — Sinfonia de uma cidade
- 5) — Montanha dos sete abutres

Nacional: — O cangaceiro

José Hamilton Martinelli, estudante secundário:

- 1) — Montanha dos sete abutres
- 2) — Direito de matar
- 3) — Uma rua chamada pecado
- 4) — Luzes da ribalta
- 5) — Um lugar ao sol

Nacional: — O cangaceiro

CRISE EDITORIAL

É um problema dos mais graves e complexos esse da crise editorial. Que dia a dia vem se tornando mais agudo. Os autores reclamam, os editores reclamam, reclamam os livreiros e reclamam os leitores. E todos têm razão. Se outros mais reclamassem, razão também teriam. Sobe a matéria prima, sobe a mão de obra, tudo sobe. Na verdade o preço do livro é uma barbaridade. Mesmo em relação com outras necessidades. Pois embora não pareça, o livro é, deve ser, precisa ser, um artigo de primeira, de primeira necessidade.

Mas analisado friamente o problema, encarada a situação sob os seus múltiplos aspectos, vê-se que o preço do livro nada mais é do que consequência de todo um estado geral de coisas. Sei muito bem não ter descoberto a pólvora, porém nunca será demais frisar, bisar e rebisar o fato.

Tudo subindo astronômicamente, o livro tem obrigatoriamente que acompanhar esta alta. Sendo ainda, no Brasil, o livro, um artigo quase de luxo, sem a compreensão da necessidade fundamental dele na vida do homem, então acontece que ele sobe mais do que os outros gêneros.

E aí caímos num círculo vicioso. O livro não se vende porque é um artigo caro. E não se vendendo, é claro, o povo não pode se acostumar ao livro. E não se acostumando ao livro, por não o poder adquirir, os tiragens continuam sendo pequenas e o livro continua mais caro. Sempre mais caro.

Não se diga agora que o brasileiro não compra livro porque não quer ou não gosta de ler. Absurdo! Exemplos do contrário sobejam. Verdade que precisaria talvez ser mais acostumado ao contacto com os livros. Mas isto não é culpa dele. E prá que acostumá-lo? Se não os poderá comprar!

Agora, se dissermos que as classes abastadas, as que podem comprar livros, não os compram, estaremos perto da verdade. Não compram livros nem os leem. Ou quando os compram é por

que se tornou, hoje em dia, bonito fingir cultura, ter uma elegante biblioteca de livros fechados, encadernados e bonitos, bem arumadinhos nas estantes.

Para se ter uma prova do interesse do povo pelo livro, basta se observar como as "queimas" de livros logo desaparecem, como os sebos vendem muito mais e como as edições populares alcançam boas tiragens. A objeção de que o livro mau, a literatura de cordel se vende mais, não vale. Tudo nesta vida é questão de preparação, consequência de "aclimação" e continuidade. Tire-se os best-sellers infames, dê-se bons livros e a preço acessível e ver-se-á como em pouca as tiragens das boas obras aumentarão.

Não podendo comprar livros, — não tendo aprendido ou havendo desaprendido o manuseio dos livros — inconscientemente o homem procura um derivativo mais a altura de suas possibilidades: vai ao cinema, escuta rádio, lê jornais e revistas, etc.

Mas tudo isto não basta. E ele sente falta de algo.

Precisamos, devemos lutar pelo barateamento do livro, pela sua divulgação em larga escala, por uma cultura geral e mais ampla possível acessível ao povo.

E o problema do livro está interrelacionado com uma série de outros problemas. Inútil e impossível tentar resolvê-lo por si só. Inútil, numa avalanche, procurar conter a torrente que desce violenta, antepondo-lhe minúscula barreira.

O que é necessário, o que é imprescindível, o que é inadiável é que todos os problemas sejam equacionados e solucionados logo, em conjunto, por uma reforma de base. Pois só assim o poderá ser o problema editorial que vem afligindo o país.

A crise do livro não é nem poderia ser uma crise isolada, surgida do nada; mas consequência de toda uma série profunda de fatores correlatos, de todo um estado de coisas que atinge os mais diversos setores e atividades da coletividades. E só desaparecerá estas, desaparecerá ela.

S. M.

012: A folha nas letras e artes

MIGUEL, Salim (Dir). A Folha nas letras e artes. **Folha Popular**. Florianópolis.

A Folha nas Letras e Artes

Direção de SALIM MIGUEL

Existe uma Literatura Catarinense?

PERGUNTAS
1 — Existe uma literatura catarinense?
2 — Quais os requisitos para a existência de uma literatura catarinense?
3 — Se existe, quais as características dessa literatura?

RESPOSTAS
1 — Não. Muito embora tenhamos possuído, no passado, vultos como Cruz e Souza, Luís Delfino e Virgílio Várzea, nem eles nem os intelectuais de hoje, poucos e isolados, conseguiram projetar-se num só bloco, uniforme e coeso, capaz de constituir uma literatura caracteristicamente catarinense.
2 — Dois, de vital importância, e sobre os quais, infelizmente, os nossos homens de letras, dotados de boa vontade, não podem interferir:
1) — O abandono do culto a medalhões passadistas e rançosos, que não podem ser chamados de intelectuais, como também o uso adequado dessa expressão que, em nosso Estado, é atribuída a qualquer pessoa que saiba "botar" um discurso bonitinho, bem recheado de palavras difíceis, mas vazios, vazios... que nem pastéis. Essa gente ainda não fez nada, nem o fará nunca, em prol de literatura nenhuma.
II) — O apóio dos poderes públicos aos verdadeiros intelectuais, facilitando-lhes a publicação de livros, cadernos e revistas.
Ao escritor cabe assentar, de acordo com a índole do nosso povo, e baseando-se nas características e peculiaridades da terra, os fundamentos da nossa literatura. Contudo, nunca será demais lembrar que uma literatura, para formar-se e subsistir, deve ser plasmada em temas regionais, não perdendo nunca, porém o seu cunho universal.
Entre os diversos assuntos característicos do nosso Estado, e que se encontram quase virgens, à espera de aproveitamento, quer na literatura de ficção propriamente dita, como também em monografias, ensaios ou estudos econômico-sociológicos, podemos citar os seguintes:
Os ambientes e problemas, peculiares a certas zonas onde se procedem culturas básicas ou indústrias extrativas que possam originar os chamados "ciclos", como a fécua de mandioca, o pinho, o arroz o fumo, a erva-mate, o carvão, etc.; os tipos provenientes desses ramos da nossa economia, como o madeireiro, o serrador, o dono das terras, o gerente de serraria e outros; a cidade de Florianópolis centro cem por cento "burocrático", se assim nos podemos exprimir, e as cidades semi-indústrias, como Joinville e Blumenau; a influência e a importância da imigração italo-gemânica nas zonas em que... se formaram "colônias", notadamente as do Vale do Itajaí; a região serrana, o oeste e as regiões rurais, onde se fez sentir a influência gaúcha e a vida dos nossos camponeses; as fazendas, onde os "coronéis" ainda existem; os lugarejos do interior ou situados na fronteira; a zona litorânea, as lutas dos pescadores e as cidades que constituem portos de mar.
3 — Prejudicada pela primeira reposta. Não entanto fugindo à questão e aproveitando o espaço, embora exíguo, queremos salientar que, no referente às pesquisas históricas, sociológicas e folclóricas, estamos mais adiantados do que na literatura de ficção. Isso devemos, em grande parte, ao trabalho honesto da "Sub-Comissão Catarinense de Folclore". Na incapacidade de poderemos nomear um a um, os intelectuais co-estaduais nos que, apesar de isolados, labutam para que a voz da cultura catarinense se faça ouvir lá fora queremos prestar nossa homenagem à revista "SUL", pela grande repercussão que tem alcançado, não só no país como também no estrangeiro.
GUIDO WILMAR SASSI — escritor autor do volume de contos "PIA".

1) — Quais os cinco melhores filmes estreitados em 1953 em Florianópolis?
2) — Qual o melhor filme nacional?
Elío Ballstaedt, professor:
1) — Luzes da Ribalta
2) — Direito de Matar
3) — Amanhã será tarde demais
4) — Nascida ontem
5) — O ódio é cego
Nacional: — O Cangaceiro
Heleno P. Mendonça, ceneclubista:
1) — Luzes da Ribalta
2) — Nascida ontem
3) — Montanha dos sete abutres
4) — Direito de Matar
5) — Poço de angústia
Nacional: — Agulha no palheiro
Walmor Cardoso da Silva, advogado, poeta, secretário da revista "SUL":
1) — Céu sobre o pântano
2) — Luzes da Ribalta
3) — O Direito de matar
4) — A montanha dos sete abutres
5) — A mulher falada
Nacional: — O Cangaceiro

Nossa Opinião

Um Documento Impar

Dentre as obras aparecidas no ano findo é de justiça destacar o livro de Graciliano Ramos, "Memórias do Cárcere", um impressionante documento humano e artístico, possivelmente o mais impressionante livro do gênero já publicado no Brasil em qualquer época.
Escrito com aquela propriedade de linguagem, com aquela precisão de estilo que só mestre Graça possuía, o livro é um libelo tremendo. Pois ficará como espelho de um dado período do Brasil.
Páginas como as do porão do navio, e as da colônia correcional, mui especialmente, parecem saídas de um inferno dantesco, fantasias de espírito alucinado, pesadelos que nos deixam angustiados, mas nos prendem estranhamente e nos repugnam. Saímos do livro aturdidos, abatidos, descrentes de que tal coisa pudesse ter existido tão perto de nós e mais desejosos de lutar para que fatos semelhantes não se repitam.
Graciliano sabe como ninguém, em poucas linhas, fazer uma pessoa viver, ressurgir daquele passado, falar e agir. Suas análises são sempre precisas, exatas, verídicas. Seus retratos de tipos que com ele conviveram são reais. Prendendo-se ao essencial, martirizando-se para ser o mais possível sincero, voltando e voltando ao tema quando julga não o ter exgotado ou captado completamente, não procurando de maneira alguma fazer ficção, mas retratar uma época complexa e dramática, ele nos transporta àquele período de desmoroamento e asfixia, onde os valores estavam subvertidos, campeando a mais completa desorganização.
Vale o livro como uma análise não só da época, mas também da pessoa de Graciliano. Lendo-se "Memórias do Cárcere", muito mais se compreende o autor de "Infância". Por outro lado é quase imprescindível o conhecimento dos outros livros do autor, para que se possa captar tudo o que contem as "Memórias". Ali está, por exemplo, o personagem do conto "Um Ladrão". Ali está a explicação de personagens de outros livros, como "Angústia". Ali está enfim, toda a psicologia de Graciliano, e os seus dramas íntimos.

"Memórias do Cárcere" foi muito justamente comparado a "Recordações da casa dos mortos", de Dostoiévski. Não se pode, em verdade, lê-lo, sem que se faça comparações com o livro do escritor russo. Embora, como muito bem salientou R. Magalhães Júnior, o livro do escritor brasileiro nos atinja muito mais, porque se passou há poucos anos e muitas das pessoas referidas na obra, a maioria delas, ainda vive e aí está para confirmar a veracidade do relato.
Não é nossa intenção nem nos julgamos credenciados a fazer uma análise da obra. Apenas queremos deixar aqui assinalada a profunda impressão que a mesma nos causou.
Nesta nota queremos assinalar ainda outro fato.
Graciliano Ramos, homem reconhecidamente arredio, complexo, escondendo uma grande porção de ternura humana sob a casca de rudeza, viveu sempre uma vida modesta e simples. Não teve as graças oficiais nem as querias. Espírito independente, abominava as hipocrisias de uma sociedade fundada sobre a inveja, o orgulho, a incompreensão e a maldade. Lutava a seu modo por uma modificação do estado de coisas atual. Onde os homens mais se compreendessem e respeitassem.
Graciliano, em vida, quase só conheceu lutas e dificuldades. Reconhecido o maior escritor de sua geração e um dos maiores do Brasil em qualquer época, a edição de seus livros era pequena e restrita.
Mas morre, vítima de traiçoeira moléstia, não resistindo aos sofrimentos anteriores, é logo posto entre figurões que ele tanto abominava.
Agora fala-se que o governo do seu estado natal lhe vai mandar erguer um busto para uma das principais praças da cidade.
Pobre Graciliano, tão intenso a estas coisas de comemorações! Nem depois de morto terá descanso. Deixaram que morresse o autor de "Vidas Secas" para realizar o que em vida dele não teriam coragem de lhe propor, pois seriam corridos em meia dúzia de palavras.
S. M.

013: Pagina literária : Cenas da vida brasileira - 21 de out/1951

MELO, Osvaldo F. de; MIGUEL, Salim (Dir). Página literária: cenas da vida brasileira. Diário da Manhã. Florianópolis, 21 de out/1951, pag.5.

PÁGINA LITERÁRIA

NOTAS DE LEITURA

— v —

S. M.

Direção de:
OSVALDO F. DE MELO (filho)
e
SALIM MIGUEL

Cênas da vida brasileira

(CONTINUAÇÃO)

Nestas "CENAS" de Marques, domina a insinuação, a palavra dita a meio, sugerida. Daquele mundo fragmentário, nós, aos poucos, vamos recriando à nossa imagem e gosto, um mundo, feito, entrosado do mundo real, do que o autor nos sugeriu e do que nós vamos criando, completando. E então, daquele todo do qual nós coparticipamos, surge um mundo quicá mais real e verídico.

Não sabemos se alguém já terá notado ou se foi porque o próprio Marques muito nele nos falou, chamando-nos a atenção, apesar de tôdas as possíveis diversidades, há no autor de "A ESTRELA SOBRE" muita semelhança com o autor das "HISTÓRIAS NATURAIS". Jules Renard.

Em ambos aquela mesma simpatia por tôdas as coisas, bichos, pedras, árvores, homens, mas escondida sempre, reprimida, encoberta por uma casca de escárnio, de perene ironia e maldecência. Não levar nada a sério, rir-se de tudo, zombar, eis uma boa maneira de mostrar solidariedade. De procurar auxiliar. Mesmo contra a vontade. Mesmo sempre negando, negaceando, mantendo a máscara de impassível.

Repitamos aqui o que ficou dito em uma nota nossa anteriormente escrita e que foi mais ou menos: "no fundo Marques não passa de um grande lírico, sentimentalidade, enxarcado de amor à humanidade, desesperado diante da incompreensão dos homens, e que por isto se esconde, se isola, esconde o verdadeiro eu. Então criou assim como que uma segunda natureza... para segurança própria. Mas não consegue nem se iludir nem aos demais.

Nestas "CENAS" que pretendíamos comentar quando nos deixamos levar por estas divagações à margem, é onde melhor se pode notar isto — ou mais facilmente! — é onde mais ele se entremostra.

De vez enquanto, como numa explosão, eis que surge o lírico.

Saudoso das velhas casas, das igrejas pequenas e românticas, das vilas calmas e antigas, tradicionais e pacatas, do povo simples que nelas vive; amante do avanço, das comodidades as quais se gruda crustaceamente, do progresso real: dentro dele se entrechocam os múltiplos indivíduos de que se compõe a personalidade humana. To-

dos nós. Só que nele, devido à sua grande sensibilidade de artista, tudo isto é mais sofrido, repercute em maior grau...

As coisas não são como nós queremos, nem permanecem como as guardamos dentro de nós, talvez mesmo embelezando-as. Sofrem mutações, deformações. E quando as revemos, nada mais nos dizem, pois não correspondem à imagem que delas fazíamos. Por isto o artista exclama:

"Barbacena é mais o passado. O meu passado, ó rapazes e raparigas do jardim".

E reclama:

"Adeus, Barbacena, nunca mais nos veremos! Já não és Barbacena, és outra coisa — paralelepíptada, ornada de globos lácteos, calçada de ladrilho por todos os passeios terrivelmente mediocre. A Barbacena verdadeira, de terra batida, terra que o vento levantava em turbilhões, a Barbacena que eu amei, esta ficou no passado perdida, mas ainda cantará por vezes, no fundo do meu coração".

Com ele, cicerone amável e inteligente, extremamente vivo e extremamente sarcástico, viajamos Brasil em fora, paramos por cidades e vilas. E os comentários surgem lépidos, vivos, audaciosos:

Em "VITÓRIA — 1940" ele nos diz:

"A mãe piedosa contava que Jesus foi vendido por trinta dinheiros. Ao que o pequeno perguntou: — Barato ou caro?"

Mas já esquecido do que dissera sobre Barbacena, sem imaginar que um outro poderia, em vendo-a modificada, ter as mesmas expressões magoadas que ele, exclama irado:

"ENTRE-RIOS — 1942:

Era assim há cinquenta anos. Daqui a cinquenta anos será assim. Comida miserável, calor desesperante, poeira de carvão. Moscas, moscas, milhões de moscas. Farrapos miseráveis cobrindo corpos miseráveis".

CONCLUI DOMINGO)

Esta semana nas livrarias
"Velhice e outros contos"
de Salim Miguel, edição da
"REVISTA SUL"

Índice por ano

-	A folha nas letras e artes	Folha Popular	004/011
-	A folha nas letras e artes	Folha Popular	004/012
1951	Pagina literária	Diário da Manhã	004/013
1954	A folha nas letras e artes	Folha Popular	004/010
1956	A verdade nas letras e artes	Jornal a Verdade	004/001
1956	A verdade nas letras e artes	Jornal a Verdade	004/002
1956	A verdade nas letras e artes	Jornal a Verdade	004/003
1956	A verdade nas letras e artes	Jornal a Verdade	004/004
1956	A verdade nas letras e artes	Jornal a Verdade	004/005
1957	Literatura e arte	Jornal O Estado	004/006
1957	Literatura e arte	Jornal O Estado	004/007
1957	Literatura e arte	Jornal O Estado	004/008
1963	Artes e letras	Jornal O Estado	004/009